



## A pesquisa mineral no século xvii: o mapa da baía de Paranaguá, de Pedro de Souza Pereira (1653)

Jefferson de Lima Picanço\*

### Resumo

Este artigo o mapa de baía de Paranaguá, de 1653, assim como recupera a carta que o descreve. Amplamente conhecido, foi anteriormente atribuído a Eleodoro Ébano Pereira por vários estudiosos. Demonstra-se que o mapa foi executado por Pedro de Souza Pereira, parente do Governador Geral Salvador Correa de Sá e Benevides, e é o mais antigo mapa de recursos minerais da colônia. Nele estão descritos a baía, suas barras, as principais ilhas e 21 localizações de minas de ouro. Com este mapa, Pedro de Souza Pereira procura localizar as lavras e organizar a produção das catas de ouro aluvionar no período 1651-59. Esta organização seria importante para que Salvador Correa pudesse reivindicar privilégios reais como governador das minas. No entanto, o fraco rendimento destas minas e a oposição dos paulistas inviabilizam as lavras. Com a revolta do Rio de Janeiro, em 1660, Salvador Correa perde seu poder na região, e as lavras voltam a ser exploradas sem controle real. As lavras paulistas, entre elas Paranaguá e Curitiba, tiveram uma capital importância na geração de recursos humanos que vieram a descobrir as lavras do século xviii.

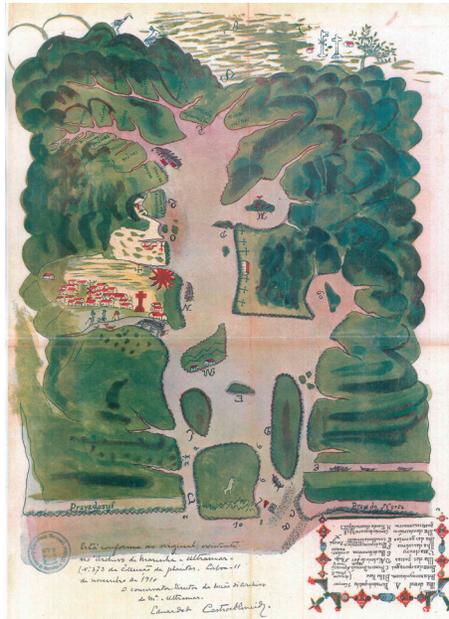
*Palavras-chave:* Cartografia, Brasil colônia, Mineração, ouro aluvionar, século xvii

### 1 – Introdução

Em 1920, o historiador paranaense Moises Marcondes encontra, na sala do diretor da seção do *Arquivo da Marinha e Ultramar*, da Biblioteca Nacional de Lisboa, um mapa da baía de Paranaguá (figura 1). Este mapa tem a data de 20 de maio de 1653, e mostra a baía de Paranaguá, suas principais ilhas, alguns dos rios que nela deságuam, bem como a vila de Paranaguá e os campos de “Queretiba”, estes simbolizados por duas casas, uma cruz e um pelourinho na parte superior do mapa.

\* Consultor autônomo - jeffpicanco@yahoo.com





**Figura 1** – Mapa da Baía de Paranaguá (1653) de Pedro de Souza Pereira

Neste mapa constam ainda 21 indicações de minas, o que o torna o mais antigo mapa de ocorrências minerais até hoje conhecido no Brasil. Moises Marcondes, intrigado, publica o mapa e uma nota<sup>1</sup>, onde tenta descobrir o autor do mapa, a importância deste documento para a história da mineração de ouro e para a história do atual estado do Paraná.

Este mapa foi executado em 1653 por Pedro de Souza Pereira. Nomeado provedor-mor das minas, este tinha consigo uma carta régia, com instruções sobre como providenciar o reconhecimento das minas de ouro recém descobertas nestas capitanias do sul do Brasil. Em carta de 20 de maio de 1653<sup>2</sup>, Pedro de Souza Pereira informa ao Rei das diligências realizadas durante esta sua viagem, bem como da carta que havia feito. Este artigo tem como objetivos, dentro de suas limitações, amarrar as duas pontas desta

**1** Marcondes, M. Planta da Baía de Paranaguá – nota Explicativa. In: Marcondes, M. (org) Documentos para a história do Paraná. Curitiba, 1924.

**2** Carta do Provedor da Fazenda do Rio De Janeiro e Administrador Geral das minas do sul do Brasil Pedro de Souza Pereira, dirigida ao R, na qual o informa circunstanciadamente acerca das minas que se tinham descoberto e do que era necessário fazer-se para as conservar. Vila da Conceição, 20 de maio de 1653. Anais Bibl. Nac. 39:202-205.



historia<sup>3</sup>, e estabelecer definitivamente Pedro de Souza Pereira como o autor da carta e seu contexto histórico em que ela foi feita.

## 2 – As Minas de Paranaguá

As primeiras entradas conhecidas em busca de ouro na região vicentina, que abrange os atuais estados de São Paulo e Paraná, datam do início da colonização<sup>4</sup>. A descoberta de minas de ouro na região de São Paulo é realizada durante o período da União Ibérica (1580-1640), no governo de Dom Francisco de Sousa (1599-1610). Entre 1590 a 1630, são exploradas as jazidas de ouro de aluvião ao redor de São Paulo, na serra do Jaraguá, em Guarulhos e em Itapeccerica<sup>5</sup>. Dom Francisco implanta um modelo “castelhano” de organização econômica, que fomenta a agricultura para subsidiar a mineração. Quando se dá o trancamento do tráfico negreiro e o fechamento do comércio português no Atlântico Sul<sup>6</sup>, entre 1620 e 1650, São Paulo emerge como um centro produtor de alimentos para a colônia. Aumenta neste período a busca por cativos guarani para trabalhar nestas lavouras, e não é por acaso que este é o período de maior intensidade dos ataques bandeirantes às missões jesuíticas do Guairá, Tape e Itatins<sup>7</sup>.

As jazidas de ouro em toda a região vicentina são muito pequenas e pouco viáveis. No entanto, a partir de meados do século XVII a mineração aurífera se expande para o sul, com a descoberta das minas de Iguape (fundada em 1637) e Paranaguá (1648). No planalto, Curitiba é fundada em 1668.

As jazidas de Paranaguá foram provavelmente descobertas por volta de 1620<sup>8</sup>, mas tiveram seu período mais importante de exploração e lavra entre

**3** Picanço, J.L. A pesquisa mineral no século XVII – o mapa de Pedro de Souza Pereira (1653). In: 40º Congr. Bras. de Geologia. Anais, pág 162, 1998.

**4** Nogueira, A, R. & Maffei, L.A. O ouro na capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII. Bol Inst. Hist. SP, pp 7-135, 1966.

**5** Juliani, C. Beljavis, P; Juliani, L.J.C.O.; Garda, G., As mineralizações de ouro de Guarulhos e os métodos de lavra no período colonial. Geologia ciência-técnica, CEPEGE (113): 8-25, 1995.

**6** Alencastro, LF. O Trato Dos Videntes. Formação do Brasil no Atlântico Sul. Cia das Letras, 2000, 525 pag., pag 208.

**7** Monteiro, JM. Negros da Terra – Índios E Bandeirantes nas origens de São Paulo. Companhia das Letras, 1995, 300 pp

**8** Nogueira & Maffei, op. cit.





1640/1660. Para alguns historiadores, sobretudo paranaenses, numa linha histórica que inclui Vieira dos Santos, Ermelino de Leão, David Carneiro e Reinhardt Maack, afirmam que as descobertas auríferas no atual estado do Paraná são as primeiras deste tipo realizadas no Brasil, por volta de 1570-78, bastante discutível em vista das fontes primárias disponíveis<sup>9</sup>.

O primeiro registro oficial da existência de ouro na região data de 1646<sup>10</sup>, quando o capitão Gabriel de Lara, apresentou à Casa de Fundição de São Paulo rochas que descobriu no “Pernagoá”, as quais, uma vez fundidas, resultaram em 20 oitavas de ouro (70 g). A partir desta notícia aumenta o interesse por esta região, até então secundária, na expansão da Capitania de São Vicente. A vila de N. S. do Rosário de Paranaguá é fundada em 1648, desmembrada e elevada à capitania a partir de 1656.

Já em 1648, logo após o manifesto de Gabriel de Lara, o governador geral Duarte Corrêa Vasqueannes envia a Paranaguá o General Eleodoro Ébano Pereira, com o título de “*capitão das canoas de guerra dos mares do sul*”, para registrar as minas e organizar a fiscalização e a arrecadação. Numa série de autos que manda fazer<sup>11</sup>, Eleodoro toma o depoimento dos homens bons da vila, a respeito de pesquisas e catas que ele mesmo mandara abrir. Provavelmente, Eleodoro entrou em conflito direto com Gabriel de Lara, o homem forte da vila. Talvez por este motivo, Dom João IV nomeia Pedro de Souza Pereira em lugar de Eleodoro. Uma carta régia, datada de 28 de novembro de 1651, instrui Souza Pereira ir a Paranaguá entabolar, isto é, registrar as minas e também a coletar mais e melhores amostras de pedra, visto que as enviadas por Ébano foram de pequena monta e insuficientes para os testes metalúrgicos<sup>12</sup>.

---

**9** Para uma crítica destas posições, veja-se: Picanço J. L. (2005) Comentários sobre o artigo “*O Paraná na história da Mineração no Brasil no século xvii*” de Liccardo *et al.* (2004). Boletim Paranaense de Geociências, 56:121-123.

**10** traslado do aviso que veyo do provedor das minas de sampaulo bertoomeu fz de farias sobre as minas de ouro. Rev. Inst. Hist. Gergr. SP, P258.

**11** Informação dada pelo comissário geral das minas general Eliodoro Ébano e assinada por ele e pelos oficiais da câmara da villa de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do rosário de Paranaguá acerca do descobrimento de minas. Rev. Inst Hist. & Geog. Bras. Tomo especial 1 (1956).

**12** traslado da carta de sua Magde escripta ao Cappam Pó. De Souza Pereira sobre estepar (10 de dezembro de 1652). Rev. Arq. Mun. São Paulo, LLX:84-99





### 3 – Pedro De Souza Pereira

Pedro de Souza Pereira era fortemente ligado à família Sá, que controlava o Rio de Janeiro no século XVII. Em diversos documentos, Salvador Correa de Sá e Benevides refere-se a Pedro de Souza Pereira como primo<sup>13</sup>, o que não necessariamente sugere consangüinidade, mas, principalmente, afinidade. Casou-se, em 1651, com Ana Corrêa de Sá, parente de Salvador Correa. Pedro de Souza Pereira ocupou o cargo de provedor-mor da fazenda, no Rio de Janeiro de 1639 até a sua morte, por volta de 1670. Neste período, foi um dos membros mais importantes da família Correa de Sá, particularmente ligado à Salvador Correa de Sá e Benevides. De fato, na documentação levantada, Pedro de Souza Pereira quase sempre aparece como o preposto ou como o representante de Salvador Correa de Sá e Benevides<sup>14</sup>.

Pedro de Souza Pereira viaja a Portugal em navio inglês antes de 1647, segundo se depreende de uma carta de Salvador Correa<sup>15</sup>. Provavelmente como delegado deste, uma vez que Salvador Correa de Sá e Benevides encontra-se preparando a sua expedição que, em 1648, retoma Angola aos Holandeses.

Souza Pereira ocupa o cargo de administrador das minas entre 1652 e 1659. Nos primeiros dois anos no cargo, Pedro de Souza Pereira empreende uma série de viagens as capitânicas do sul: nomeado Administrador das Minas Do Sul em dezembro de 1652, trabalha em Paranaguá, Iguape e Itanhaém entre março-maio 1653; em julho de 1653 está em São Paulo. Em janeiro de 1654 está de volta ao Rio<sup>16</sup>.

Souza Pereira conseguiu fazer as lavras de Paranaguá produzir, e controlou ao menos parcialmente a sonegação, apesar das resistências de Gabriel de Lara e dos outros mineradores. Em 1654, Souza Pereira envia os quintos do ouro a Portugal, na frota de frota de Francisco Brito Freire. Torna a fazer o mesmo em 1657, na frota de Pedro Jacques de Magalhães<sup>17</sup>. Neste período,

**13** Boxer, C.R. Salvador Correia de Sá e Benevides e a luta pelo Brasil e Angola. São Paulo: CEN, 1964

**14** Boxer, 1964, *ibid*, pag. 314

**15** Boxer, 1964, *ibid*, pag. 234.

**16** Carta do administrador das minas do sul, Pedro De Souza Pereira para d João em que dá conta do mau procedimento dos descobridores das minas. Rev. Inst. Hist. & Geog. Bras. Tomo especial 1 (1956)

**17** Boxer, *ibidem*, 314-5





Pedro de Souza Pereira foi acusado de fazer estancos de aguardentes, vinhos e outras fazendas, para comprar ouro para enviar os quintos.

Em 1658, Pedro de Souza Pereira é acusado pela morte de Dom Jaime Comas (Comére?), mineiro de provável origem espanhola e com 18 anos de experiência nas minas do Peru. A morte de D. Jaime é atribuída pelos revoltosos do Rio de Janeiro a Pedro de Souza Pereira. Para os camaristas paulistas, no entanto, Dom Jaime teria morrido acidentalmente ao despenhar subitamente de uma cata<sup>18</sup>.

Com a revolta do Rio de Janeiro, feita contra o poderio da família Sá, Tomé de Souza Alvarenga, Martim Correa Vasques, Pedro de Souza Pereira e respectivas famílias, pessoas da confiança de Salvador Correa, são presos e remetidos a Lisboa<sup>19</sup>. Segundo Boxer, Pedro de Souza Pereira seria reconduzido ao cargo com o fim da revolta. Sua morte pode ter ocorrido por volta de 1670. Existe a documentação informando que seu filho, Tomé de Souza Pereira estava servindo no cargo de provedor em 1674, em razão da morte de Pedro de Souza Pereira<sup>20</sup>.

#### 4 – Caminhos Da Baía De Paranaguá

A baía de Paranaguá, de início, despertou pouca atenção nos exploradores, pois não possui grandes rios que possam estabelecer uma comunicação imediata com o interior. Outro fator importante é que a baía de Paranaguá ficava numa região limítrofe entre os estabelecimentos portugueses e castelhanos nesta parte da América. A dubiedade das disposições do tratado de Tordesilhas gerou uma incerteza sobre tais limites. Para os castelhanos, o limite de suas terras estava em Cananéia, que foi ocupada por espanhóis no início da colonização<sup>21</sup>. O *Adelantado* Cabeza de Vaca, ao entrar por terra para o Paraguai, em dezembro de 1541 toma posse daquelas terras para o rei de Espanha.

Para os portugueses, o limite com as terras castelhanas ficava na ilha de Santa Catarina, ou no porto dos Patos (a atual Laguna) ou, mais longe ainda, no estuário do rio da Prata. Após o achamento de Cabral, são remetidas diversas expedições para descobrir e reconhecer as costas da nova terra. Em

**18** Leão, E. verbete: Minas de Paranaguá. In: Leão, E. Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Paraná. Tomo VII, pp 1322-1348, 1926.

**19** Boxer, 1964, op. cit, pags 327, 337, 416.

**20** Boxer, 1964, op.cit, pag 329.

**21** Southey, R. História do Brasil (3 vols). São Paulo, Edusp/Itatiaia, 1982.





1531-32 Martim Afonso de Sousa, em viagem de reconhecimento e tomada de posse da nova terra, envia Pero Lopes de Souza a reconhecer e navegar pelo estuário do Prata. Martim Afonso, em 1531, envia Pero Lobo e 80 arcabuzeiros, rumo ao interior do continente, em busca de tesouros.

Observa-se que o topônimo Superagui é mais freqüente que o topônimo Paranaguá nos relatos de viagens e nos mapas produzidos no início da ocupação portuguesa até o começo do século XVII<sup>22</sup>. Os caminhos para o litoral paranaense eram primitivamente feitos entre Cananéia e a ilha de Superagui pelo canal do Ararapira. Hans Staden, marinheiro alemão, é o primeiro europeu a citar a ilha de Suprawai (Superagui), onde naufraga em 1549. Onde, aliás, já encontra portugueses, vindos de Cananéia<sup>23</sup>.

O topônimo Paranaguá é encontrado nos mapa-múndi pela primeira vez somente a partir de 1610<sup>24</sup>. O acesso primitivo à baía era feito por Superagui, pelo canal do Ararapira e pelo Varadouro. A barra de Paranaguá deve ter sido mais usada a partir da fundação da vila, em meados do século XVII. E mesmo este acesso não era feito até recentemente pelo pela barra sul, pelo Canal da Galheta, cujo nome primitivo era Vupubetuba. Os acessos à baía de Paranaguá eram o canal norte e, principalmente, o canal de sueste, onde no século XVIII foi construída a fortaleza da Ilha do Mel e, no século XIX, o Farol das Conchas.

A primeira referência a Paranaguá em documentos escritos é de 1614, com a concessão da sesmaria a Diogo de Unhate. Não obstante, Unhate era morador em Santos em 1636, passando por ser fundador de São Sebastião conjuntamente com João de Abreu. É bastante duvidoso que houvesse tomado posse de sua sesmaria<sup>25</sup>.

A primeira representação cartográfica exclusiva da baía de Paranaguá é o mapa da Capitania de Santo Amaro, no Atlas de Albernás (1631)<sup>26</sup>, que representa tão somente as três entradas de sua barra. Feito com base nas observações de D Jerônimo Ataíde, e desenhados pelo cartógrafo português João Albernás, o Atlas

**22** Maack, R. contribuição à historia das explorações geográficas e geológicas do estado do Paraná. in : Maack, R. Geografia Física do Estado do Paraná. BADEP/UFP/IBPT, 1968, 350 PP.: PAG 3-71.

**23** Handelmann, H. **História do Brasil** (2 vols). São Paulo, Edusp/Itatiaia, 1981.

**24** Maack, 1968, op. cit.

**25** Martins, Romário (1953) História do Paraná. Curitiba, Travessa dos Editores, 1995, 524 PP.

**26** Albernaz, JT. Mapa da capitania de Santo Amaro, 1631. in: mapas históricos brasileiros. São Paulo, Abril Cultural, 1970.





conta com 36 mapas abrangendo as mais importantes feições habitadas da costa brasileira e suas capitanias. Esta carta representa tão somente as três entradas da barra de Paranaguá, sem qualquer outro detalhe digno de nota. Comparado com os outros mapas deste Atlas (como, por exemplo, a carta da ilha de São Vicente), a completa falta de detalhes desta planta mostra que praticamente nada se conhecia do interior da baía de Paranaguá nesta época, a não ser as barras de sua entrada.

### 5 – O Mapa da Baía de Paranaguá

Em carta de 20 de maio de 1653<sup>27</sup>, da Vila da Conceição (Itanhaém), Pedro de Souza Pereira informa ao Rei da sua viagem às capitanias do sul. Nesta carta, informa do resultado dos rendimentos dos quintos, de notícias de minas de prata que lhe são fornecidas por Antonio Nunes Pinto, bem como descreve uma vistoria que fez com o Capitão-mor Gabriel de Lara na mina de pedras que este fora descobridor. Critica os que vão às catas “*explorar como querião*”, bem como indica ser de pouca utilidade a casa de fundição de São Paulo, e indica a casa de fundição de Paranaguá como mais apta a receber e quintar o ouro que vinha daqueles distritos.



Figura 2 – detalhe da legenda do Mapa; ver também tabela 1

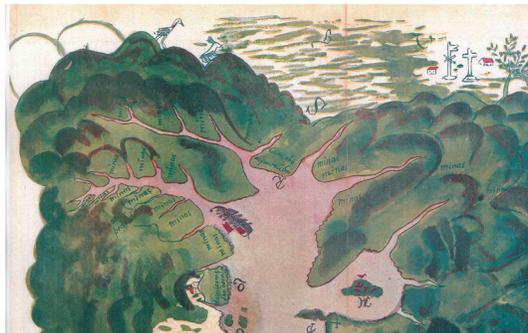
27 Carta do Provedor da Fazenda do Rio De Janeiro e Administrador Geral das minas do sul do Brasil Pedro de Souza Pereira, dirigida ao R, na qual o informa circunstanciadamente acerca das minas que se tinham descoberto e do que era necessário fazer-se para as conservar. Vila da Conceição, 20 de maio de 1653. Anais Bibl. Nac. 39:202-205





Apenso a esta carta está uma descrição das capitânicas do sul e um mapa<sup>28</sup> da baía de Paranaguá, feito por Pedro de Souza Pereira ou seus auxiliares. De acordo com a carta, o mapa provavelmente foi executado entre os meses de março e maio de 1653, mostrando a baía, as principais ilhas, alguns dos rios que nela deságuam, bem como a vila de Paranaguá e os campos de Curitiba, estes simbolizados por duas casas, uma cruz e um pelourinho na parte superior do mapa. Para uma discriminação da toponímia do mapa, veja-se a figura 2 e a tabela 1.

Neste mapa, constam ainda 21 indicações de minas, o que o torna o mais antigo mapa de ocorrências minerais até hoje conhecido no Brasil. Os rios auríferos indicados neste mapa são principalmente o Cubatão (atual rio Nhundiaquara), o Cacatu, o Curitibaíba, o Cachoeira e o Faisqueira. Já pelo mapa se depreende que o grosso das faisqueiras ficava no vale do Cubatão, inclusive as “minas de pedra”, manifestadas por Gabriel de Lara em 1646.



**Figura 3** – localização das “minas” no mapa da baía de Paranaguá.

**28** Planta da Bahia de Paranaguá, compreendendo as barras de Soporagui e de Ubupetuba, as ilhas do Mel, das Peças das Cobras, das Gamelas, Rosa, Ibirarema e perspectiva da cidade de Paranaguá. 0,3 x 0,41 m, colorida, nº 373 da coleção de mapas. Anais Bibl. Nac. 39:209.





**Tabela 1**

Identificação dos topônimos da carta e sua atual toponímia

<b>legenda</b>	<b>Nome</b>	<b>Nome atual</b>
A	Ilha do Mel	
B	pedra no meio da barra	
C	Barra desoporagui	Barra de Superagui
D	Ilha das Pessas	Ilha das Peças
E	Varadouro	Canal do Varadouro
F	Ilha das Cobras	
G	Ilha das Gamelas	
H	ilha donde crião os guaras e aues verm.	Ilha das Rosas
I	Barra de Vupubetuba	Canal da galheta
L	Ilha Rasa	
M	Primeira povoação	Ilha da cotinga
N	A cidade do Pernagoa	
O	Ilha de Ibirarema	Ilha do Teixeira?
P	Ilha de Guarapirocabá	Ilha da Ponta Grossa
Q	casa donde comesão as minas	
R	Caminho de Quereitiba	Vale do rio Curitibaiba?
S	tromba da Serra de Guararabi	Serra do Marumbi?
T	Campos de Quereitiba	Campos de Curitiba
U	Povoação nova	Vila dos cortes? Atuba?
X	Recifes na barradesoporagui	

O outro rio largo paralelo ao rio Cubatão parece ser o Cacatu. A indicação “caminho de queretiba” pode indicar o rio Curitibaiba, ou “caminho de Curitiba” na língua geral<sup>29</sup>, e que foi, efetivamente, o primeiro caminho utilizado para alcançar o planalto. Um dos rios a seguir parece ser o rio Cachoeira, com poucas indicações de minas e um traçado muito impreciso. Outro rio com poucas indicações de minas é o rio Faisqueira, que deságua na ilha dos Guarás (atual ilha das Rosas).

A Baía dos Pinheiros praticamente não parece no mapa. Provavelmente não foi levantada por Pedro de Souza Pereira, assim como não o deve ter sido o interior da baía de Antonina, com o traçado rios que nela deságuam muito imprecisos.

<sup>29</sup> Leão, E. Minas de Paranaguá. In: Leão, E. Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Paraná. Tomo VII, pag. 1322-1348, 1926.





A ilha dos Guarás, Ibirarema e Guarapiracaba tiveram seus nomes alterados no decorrer do tempo, respectivamente, para Ilha do Rosa, do Teixeira e da Ponta Grossa. Por outro lado, as grandes ilhas da porção oriental da baía (ilha do Mel, das Peças, das Cobras, das Gamelas, Rasa), mantiveram seus nomes coloniais. O mesmo acontece com Superagüi e os seus acessos, como o canal do Varadouro, e a barra do Ararapira.

No mapa consta inclusive a profundidade das barras da baía de Paranaguá, sondada por Pedro de Souza Pereira. A barra de Vubupetuba apresenta uma profundidade medida de 2 braças a duas braças e meia em todo o canal. A barra norte apresenta profundidades de 6 a 7 braças no interior da baía, 8 braças na barra e 10 braças defronte a ilha do Mel.



**Figura 4** – A Ilha do mel e as barras da baía de Paranaguá sondadas por Pedro de Souza Pereira

Os campos de Curitiba são representados por uma árvore, dois casebres, um cruzeiro e um pelourinho. Esse fato provocou inúmeras controvérsias sobre a real data de ocupação do planalto, afinal a vila de Curitiba só seria inicialmente fundada em 1668. No entanto, para Sergio Buarque de Holanda<sup>30</sup>, esta representação não teve um caráter de exatidão, mas sim marcava os índios de povoamento recolhidos pelo elaborador da carta. No entanto, a denominação “povoação nova” pode marcar a indicação dos antigos arranjos na região do Atuba (Vila Dos Cortes?)<sup>31</sup>.

A vila do *Pernagoa* aparece representada com riqueza de detalhes: casario, igreja, pelourinho. As pessoas ali figuradas, segundo Marcondes<sup>32</sup> po-

**30** Buarque de Holanda, S. Mineração: antecedentes luso-brasileiros. In: Buarque de Holanda, S. (ed.) História Geral da Civilização Brasileira. t. 1, vol. II, São Paulo: Difusão Européia do Livro, pg. 228-258, 1960.

**31** Martins, Romário (1953) História do Paraná. Curitiba, Travessa dos Editores, 1995, 524 pp

**32** Marcondes, M. Planta da Baía de Paranaguá – nota Explicativa. In: Marcondes, M. (org) Documentos para a história do Paraná. Curitiba, 1924.





deriam ser uma representação simbólica das autoridades da terra. Também a representação da Cruz seria um marco divisor do rocio, que seria demarcado logo a seguir, em 1654. De todo o modo, a representação de um navio indica claramente o antigo porto da vila. O barco representado com a proa embicando na foz do Cubatão é uma clara manifestação da mais óbvia das vias de penetração. Os barcos representados na barra norte e no canal do Varadouro também pode ser uma indicação da maior navegabilidade destes canais.

Afora a vila de Paranaguá, existe uma concentração de casas representadas na ilha da Cotinga, indicando serem a “Primeira Povoação”. Conforme a tradição, a primeira povoação situava-se nesta vila, tendo se mudado por ocasião da fundação da vila, para as margens do rio Taguaré (atual Itiberê). Existe uma pequena concentração de casas a oeste da vila, sem denominação, mas situadas próximas à ilha de Ibirarema (do Teixeira). Por analogia, pode representar um primeiro núcleo de povoação próximo do que hoje é a colônia Alexandra. No outro lado da baía uma casa pode indicar, da mesma forma, um núcleo de povoamento próximo a atual colônia de pescadores de Eufrosina.

Depois da ilha de Ibirarema/Teixeira, há a indicação de uma casa, com a denominação, na legenda, de “*casa de onde começam as minas*” (figura 2). No mapa está igualmente indicado: “*daqui começam as minas*” (figura 3). Por se situar a oeste desta ilha, pode ser uma antiga povoação já na foz do rio Cubatão/Nhundiaquara. Esta casa poderia se tratar de um posto fiscal ou equivalente, embora seja somente uma suposição. Nada existe nos documentos que possa sugerir esta hipótese. De todo modo, essa denominação, duplamente reforçada, parece refletir alguma importância além da mera localização geográfica.

Há três representações de animais na carta: a primeira é a de um cavalo, no interior da ilha do Mel. A segunda e a terceira ocorrem na “*tromba da Serra da Guararabi*” (Marumbi), e são uma cabra e uma garça. À primeira vista, podem ser somente elementos decorativos.

Característica destas cartas todas é a tentativa de representação tridimensional das baías e portos representados. A perspectiva quase sempre é a de quem entra na baía, o que mostra o seu caráter prático, visando auxiliar a abordagem a partir do mar.

Já o mapa de Pedro de Souza Pereira não guarda escalas, nem proporções.





Para Moisés Marcondes<sup>33</sup>, esta característica da carta indica que “não foi elaborado por cartógrafo profissional, mas com capricho e amor ao detalhe”. Por outro lado, a legenda do mapa de Pedro de Souza Pereira, embora completa, denuncia uma tarefa feita às pressas, com os itens mais novos se acumulando à esquerda, devido à falta de previsão de espaço, se tornando quase ilegíveis.

Segundo uma carta citada por Charles Boxer, em junho de 1653<sup>34</sup> o mapa de Pedro de Souza Pereira – ou uma de suas cópias – foram apreendidas por piratas holandeses, que então faziam uma intensa guerra de corso contra os navios portugueses – estamos aqui passando pelos episódios finais da insurreição pernambucana. Esse era um dos principais preocupações das autoridades portuguesas, citada inclusive pelo rei, que em carta de 28 de novembro de 1651<sup>35</sup> sugere a Pedro de Souza Pereira precauções em caso das cartas e das amostras serem capturadas por piratas. Em 1722, o governador D. Rodrigo Cezar de Menezes manda suspender as atividades de mineração na região de Paranaguá, em não só pelo seu pouco resultado, mas pelo perigo da região sofrer “*pela invasão do inimigo e estrangeiros, pois se acha aquella villa na costa do mar, sem fortaleza, nem defesa alguma*”<sup>36</sup>.

## 6 – Conclusões

O mapa da baía de Paranaguá, publicado por Moises Marcondes<sup>37</sup> e também na coleção Mapas Históricos Brasileiros<sup>38</sup> foi executado por Pedro de Souza Pereira, conforme provam as cartas citadas.

O referido mapa não é um documento cartográfico de fino acabamento. No entanto, tem riqueza de detalhes cartográficos e é bastante preciso nos nomes topográficos. O mapa foi utilizado para informar Lisboa sobre as minas descobertas, sobre a localização e o acesso e das minas de Paranaguá. Juntamente

**33** Marcondes, op.cit.

**34** Hoge raad to heeren XIX. Recife, 15/jun/1653, Ms José Higino. apud Boxer 1964, (op. cit.), pág 315.

**35** traslado da carta de sua Magde escripta ao Cappam Pó. De Souza Pereira sobre estapar (10 de dezembro de 1652); Rev. Arqu. Mun. São Paulo, LLX:84-99

**36** Sobre a mineração de ouro em Pernagoa Boletim do arquivo municipal de Curitiba, x, p17..

**37** Marcondes, op. cit

**38** Mapas Históricos Brasileiros. Abril cultural, 1970.





com a carta, informam também detalhes sobre o tipo das lavras, as formas de ocorrência do ouro e os trabalhos em execução. Com base neste documento, poderiam ter sido tomadas decisões importantes, como a organização das defesas da costa contra invasões, o ordenamento do território, e muitas outras.

Durante todo o período da mineração em terras vicentinas, áreas de mineração igualmente importantes, como as lavras ao redor de São Paulo e de Iguape, não tiveram executados, ao que se saiba, mapas similares. Os paulistas, a todo o tempo, procuravam evitar fazer publicidade de suas descobertas, com medo que tinham de perder sua liberdade, conforme os depoimentos da época<sup>39</sup>.

Pedro de Souza Pereira, vinculado a Salvador Correa de Sá, estava interessado no direito às lavras. É com base neste interesse que Eleodoro Ébano Pereira a Paranaguá em 1648/49, uma vez que Salvador Correa estava neste tempo reconquistando Angola aos holandeses. Salvador havia sido nomeado governador das minas de São Paulo já no tempo do rei espanhol Felipe IV, nomeação esta confirmada pelo novo rei português, d. João IV em 1643<sup>40</sup>. Apesar da viva oposição dos paulistas, Salvador tenta assenhorear-s das minas e obter, assim, privilégios reais.

Durante o período de Pedro de Souza Correa como administrador das minas, como preposto de Salvador Correa, observa-se um movimento visando organizar a produção e institucionalizá-la, com a cobrança dos impostos e a organização das catas. Depois da visita de Salvador Correa as minas em 1660, ocorre um desestímulo geral. Parte porque Salvador não viu grande vantagem nas lavras parnanguaras. E, principalmente, porque a revolta do Rio de Janeiro, neste mesmo ano, acaba com o poderio de Salvador Correa no sul do Brasil.

O mapa da baía de Paranaguá de Pedro de Souza Pereira representa, portanto, um importante documento deste período. Por meio deste mapa temos que a maior parte da baía achava-se já conhecida e devassada, mantendo desde então a mesma toponímia. Representou uma etapa importante da mineração vicentina, a qual foi muito importante em conhecimento e desenvolvimento de técnicas exploratórias que propiciaram os *gold rushes* do século XVIII em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

---

<sup>39</sup> Buarque de Holanda, 1960, op. cit.

<sup>40</sup> Boxer, 1964, op. cit., pag 204.





## Referências Bibliográficas

### Fontes Primárias Impressas

CARTA do administrador das minas do sul, Pedro de Souza Pereira para d João v em que dá conta do mau procedimento dos descobridores das minas. Santos, 8 de julho de 1653. In: *Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras.*, Tomo especial I, p. 24-25, 1956.

CARTA do Provedor da Fazenda do Rio De Janeiro e Administrador Geral das minas do sul do Brasil Pedro de Souza Pereira, dirigida ao R, na qual o informa circunstanciadamente acerca das minas que se tinham descoberto e do que era necessário fazer-se para as conservar. Vila da Conceição, 20 de maio de 1653. In: *Anais Bibl. Nac.* 39:202-205.

INFORMAÇÃO dada pelo comissário geral das minas general Eliodoro Ébano e assinada por ele e pelos oficiais da câmara da Villa de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do rosário de Paranaguá acerca do descobrimento de minas. In: *Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras.* Tomo especial I, 1956.

SOBRE a mineração de ouro em Pernagoa. In: *Boletim do arquivo municipal de Curitiba*, x, p. 17.

TRESLADO da carta de sua Magde escripta ao Cappam Pó. De Souza Pereira sobre estepar (10 de dezembro de 1652). In: *Rev. Arqu. Mun.*, São Paulo, IX, p. 84-99.

TRESLADO do aviso que veyo do provedor das minas de sampaulo bertoomeu fz de farias sobre as minas de ouro. In: *Rev. Inst. Hist. Geogr.*, São Paulo, p. 258.

### Fontes Secundárias

ABRIL CULTURAL. Mapas Históricos Brasileiros. 1970.

ALBERNAZ, JT. Mapa da Capitania de Santo Amaro, 1631. In: *Coleção Mapas Históricos Brasileiros*. Editora Abril Cultural, 1970

ALENCASTRO, LF. *O Trato Dos Videntes*: Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 525.

ANTONIL, A.J. *Cultura e opulência do Brasil*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1982.



- BOXER, C.R. *Salvador Correia de Sá e Benevides e a luta pelo Brasil e Angola*. São Paulo: CEN, 1964.
- BUARQUE DE HOLANDA, S. Mineração: antecedentes luso-brasileiros. In: BUARQUE DE HOLANDA, S. (ed.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960. p. 228-258, v. II, t.I.
- HANDELMANN, H. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1982. 2. v.
- JULIANI, C. *et al.* As mineralizações de ouro de Guarulhos e os métodos de lavra no período colonial. *Geologia ciência-técnica*, São Paulo, CEPEGE (113), p. 8-25, 1995.
- LEÃO, E. Minas de Paranaguá. In: LEÃO, E. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Paraná*. 1926. Tomo VII, p. 1322-1348.
- MARCONDES, M. Planta da Baía de Paranaguá – nota Explicativa. In: MARCONDES, M. (Org.). *Documentos para a história do Paraná*. Curitiba: 1924.
- MARTINS, Romário. (1953) *História do Paraná*. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. p. 524.
- MONTEIRO, JM. *Negros da Terra – Índios E Bandeirantes nas origens de São Paulo*. Companhia das Letras, 1995. p. 300.
- NOGUEIRA, A. R.; MAFFEI, L. A. O ouro na capitania de São Vicente nos séculos XVI e XVII. *Bol Inst. Hist.*, São Paulo, p. 7-135, 1966.
- PLANTA da Bahia de Paranaguá, compreendendo as barras de Soporagui e de Ubupetuba, as ilhas do Mel, das Peças das Cobras, das Gamelas, Rosa, Ibirarema e perspectiva da cidade de Paranaguá. In: *Anais Bibl. Nac.* 39:209. 0,3 x 0,41 m, colorida, nº 373 da coleção de mapas.
- PICANÇO, J. L. Comentários sobre o artigo “O Paraná na história da Mineração no Brasil no século XVII” de Liccardo *et al.* 2004. *Boletim Paranaense de Geociências*, N. 56, p. 121-123, 2005.
- PICANÇO, J.L. A pesquisa mineral no século XVII – o mapa de Pedro de Souza Pereira (1653). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOLOGIA, 40, 1998. *Anais*, 40º Congresso Brasileiro de Geologia. 1998, p. 162.
- SOUNTHEY, R. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1982. 3. v.

